



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2597 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 15 - Educação Especial

UMA CRIANÇA SURDA E ALGUMAS EXPERIÊNCIAS COM A LINGUAGEM  
Rosane Aparecida Favoreto da Silva - USP- Universidade de São Paulo

## Resumo

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado que se encontra em andamento e investiga experiências de crianças surdas com a Língua Portuguesa escrita em um contexto de educação bilíngue. Colabora com a pesquisa uma criança surda que cursa a educação infantil em uma escola de surdos e utiliza a Libras como primeira língua, e o Português escrito como a segunda. A pesquisa é de cunho qualitativo, descritivo e exploratório, utilizando entrevistas gravadas em vídeo para coletar os dados, tendo em vista que a comunicação acontece em língua de sinais. Como procedimento metodológico optou-se por partir de um vídeo que apresenta, em Libras, uma história infantil, seguindo-se as produções escritas da criança. Constatou-se que a escrita de palavras ocorreu de forma distinta da de textos; sendo que, no primeiro a criança utilizou as letras do alfabeto e no segundo rabiscos e desenhos com formas semelhantes às das letras. Durante a pesquisa, destacou-se o uso de vídeos em Libras como *textos diferidos*, juntamente com práticas de letramento visual e uso da língua de sinais desde cedo pela criança surda.

**Palavras-chave:** Educação de surdos. Educação bilíngue. Língua Portuguesa escrita. Letramento.

## UMA CRIANÇA SURDA E ALGUMAS EXPERIÊNCIAS COM A LINGUAGEM

## Resumo

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado que se encontra em andamento e investiga experiências de crianças surdas com a Língua Portuguesa escrita em um contexto de educação bilíngue. Colabora com a pesquisa uma criança surda que cursa a educação infantil em uma escola de surdos e utiliza a Libras como primeira língua, e o Português escrito como a segunda. A pesquisa é de cunho qualitativo, descritivo e exploratório, utilizando entrevistas gravadas em vídeo para coletar os dados, tendo em vista que a comunicação acontece em língua de sinais. Como procedimento metodológico optou-se por partir de um vídeo que apresenta, em Libras, uma história infantil, seguindo-se as produções escritas da criança. Constatou-se que a escrita de palavras ocorreu de forma distinta da de textos; sendo que, no primeiro a criança utilizou as letras do alfabeto e no segundo rabiscos e desenhos com formas semelhantes às das letras. Durante a pesquisa, destacou-se o uso de vídeos em Libras como *textos diferidos*, juntamente com práticas de letramento visual e uso da língua de sinais desde cedo pela criança surda.

**Palavras-chave:** Educação de surdos. Educação bilíngue. Língua Portuguesa escrita. Letramento.

## Introdução

A apropriação da Língua Portuguesa pelas pessoas surdas tem sido tema de debate entre pesquisadores e profissionais que atuam na educação de surdos, buscando problematizar e discutir as metodologias, estratégias e políticas linguísticas destinadas a esses sujeitos, diante dos resultados evidenciados nas suas produções textuais e das dificuldades apresentadas pelos professores no ensino desses alunos. Este texto contempla parte de uma pesquisa de doutoramento sendo composto por produções textuais e registro de dizeres de uma criança surda sobre a escrita, descrevendo suas experiências com a linguagem. Durante a realização da pesquisa, além das produções textuais, destacam-se o uso de gravações em vídeo, práticas de letramento visual e o uso da língua de sinais pela criança desde pequena.

A educação bilíngue é o cenário no qual as experiências acontecem durante a pesquisa, sendo que no caso das pessoas surdas a língua de sinais se constitui com a primeira língua, e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, a segunda. No Brasil a língua de sinais utilizada é a Língua Brasileira de Sinais (Libras), estabelecida pela Lei Federal Nº 10.436/02 – Lei de Libras (BRASIL, 2002).

### **Bilinguismo e experiências**

Os seres humanos, de forma geral, não nascem conhecendo uma língua, de modo que as crianças surdas não nascem sabendo a língua de sinais. Para terem acesso a essa experiência necessitam ser expostas a um ambiente linguístico que possibilite interações sociais e trocas comunicativas. No entanto, a maioria das crianças surdas nasce em famílias de pais ouvintes que não conhecem a língua de sinais, ocasionando que adquiram a língua tardiamente e fora do ambiente familiar, no encontro surdo-surdo (PERLIN; REIS, 2012). A escola tem sido o lugar que possibilita, para a maioria dos surdos, o encontro com outros surdos sinalizantes de Libras, tornando-se o principal espaço de aquisição da língua de sinais para crianças, jovens e adultos.

Na perspectiva adotada neste trabalho, considera-se que a Língua Portuguesa na educação de surdos: (a) apresenta características linguísticas distintas da Libras; (b) é a segunda língua dos surdos que usam a Libras. Esses fatores interferem diretamente no processo de escrita do Português pelos surdos. Mas há um terceiro aspecto: não é a Língua Portuguesa que viabiliza a organização e desenvolvimento dos processos do pensamento dos surdos, este lugar é ocupado pela língua de sinais. Desta forma, de acordo com Cardoso (2003, p. 11), no que se refere à escrita, cabe indagar: “é possível conhecer o objeto da linguagem (do pensamento) fora da linguagem (do pensamento)?”

### **Letramento e a experiência visual**

As crianças surdas mobilizam habilidades diferentes daquelas utilizadas pelos ouvintes na apropriação da escrita alfabética; por exemplo, a correspondência entre a pauta sonora e a escrita é essencial para as crianças ouvintes, mas não é utilizada por crianças surdas (ou é usada precariamente no caso de resíduos auditivos e implantes). Essa habilidade tem sido denominada como *consciência fonológica* (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999; SOARES, 2016), sendo entendida como uma habilidade metalinguística; portanto, consciente e voluntária, que corresponde à capacidade de analisar a fala, segmentá-la em partes e manipular estes segmentos.

Na educação de surdos, o caminho percorrido para a apropriação da Língua Portuguesa escrita não é centrado na relação da escrita com a oralidade, sendo o aspecto visual o fator fundamental (GESUELI, 2015).

Para Lebedeff (2010), a presença da língua de sinais, visual e gestual, juntamente com a produção de uma cultura que também é visual e prescinde do som, salienta a característica *visual* da condição de surdez. Portanto, na educação bilíngue de surdos, são necessárias experiências que privilegiem a *visualidade* que faz parte do modo de vida e do jeito surdo de ser, compartilhada na comunidade surda, possibilitando o acesso a estratégias visuais e compreensão do mundo, a partir de práticas que tenham como ponto de partida eventos de letramento visual.

Como ressalta Soares (2014), o letramento é um conjunto de práticas sociais que estão relacionadas ao que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita em determinada situação, levando em conta como essas habilidades se relacionam com os valores, necessidades e diversidade de práticas sociais. Neste contexto, as estratégias visuais devem fazer parte dos eventos de letramento que envolvem as pessoas surdas, tendo em vista as experiências e características dessa comunidade. De acordo com Taveira e Rosado (2017, p. 22) “existe uma didática específica desenvolvida em contextos de Educação Bilíngue (Libras e Português) que tem como predominância os processos de letramento visual enriquecidos dos artefatos multimídia contemporâneos”.

### **Experiências com a linguagem e a pesquisa**

As crianças não chegam à escola como uma “folha de papel em branco”; elas pensam sobre as coisas, formulam hipóteses, têm experiências com a linguagem e com a escrita antes de iniciarem seu percurso escolar, sendo que ao entrarem na escola já adquiriram algumas das habilidades que contribuirão para que aprendam a escrever, conforme demonstrado na pesquisa realizada por Luria (1988). Desta forma, no contexto educacional e social em que as crianças surdas se encontram, considera-se pertinente investigar o que elas têm a dizer sobre a escrita, descrevendo suas experiências com a linguagem.

A parte da pesquisa aqui apresentada contou com a colaboração de uma criança surda com cinco anos de idade,

cursando a educação infantil em uma escola de surdos, no período de realização das entrevistas. A criança estava em fase de aquisição da língua de sinais e usava a Libras para a comunicação. Na investigação utiliza-se o nome verdadeiro da criança - Pedro -, tendo em vista que o mesmo faz parte das produções textuais. A participação do colaborador e sua identificação na pesquisa foram autorizada pelo responsável legal por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e todos os materiais (projeto, termos de consentimento e de cessão) foram submetidos à análise da Comissão de Ética de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), e aprovados, cumprindo todos os requisitos de determinações das normas previstas na Resolução N° 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que normatiza a ética na pesquisa com seres humanos.

Foram utilizadas entrevistas em vídeo para registrar as produções textuais da criança e os seus dizeres sobre a escrita. Para Gil (2008) a entrevista é uma forma de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, sendo adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, acreditam, sentem ou desejam, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito de coisas precedentes. As entrevistas foram realizadas em Libras, tendo sido filmadas, traduzidas e transcritas para o Português, caracterizando-se como uma tradução interlingual e bimodal, sendo que este processo envolve duas línguas de modalidades diferentes.

Durante a entrevista foi solicitado à criança que fizesse algumas produções textuais a partir do vídeo, gravado em Libras por uma pessoa surda, de uma adaptação da história do livro *Viviana, A Rainha do Pijama*. De acordo com Luria (1988), para a criança escrever é importante que as coisas representem algum interesse para elas, como aquelas coisas com as quais brincam ou que os objetos envolvidos tenham um papel instrumental e utilitário para auxílio na obtenção de outro objeto.

As atividades de escrita realizadas pela criança e aqui apresentadas foram constituídas com: o nome da criança, palavras compostas com os personagens do livro e a produção de um texto do gênero carta, os quais estão dispostos na próxima parte do texto.

### **A experiência da palavra e a língua escrita**

Ao iniciar a entrevista foi perguntado à criança qual era o seu nome, sinal (nome composto de um sinal, usado na comunidade surda) e idade. A criança usou o alfabeto manual de Libras para digitalizar o seu nome, dizendo-o corretamente. O alfabeto manual é um empréstimo linguístico da Língua Portuguesa e consiste na digitalização de palavras e números com as mãos. Em seguida, foi solicitado que a criança escrevesse o seu nome no papel. No momento da escrita, o colaborador escreveu corretamente, conforme apresentado na Figura 1; mas, apontou para a letra “e” e disse que estava errada, apagando-a e refazendo a ação.

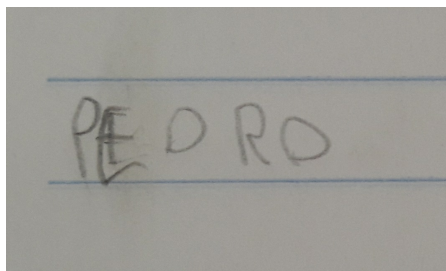


Figura 1: Escrita do nome da criança. Fonte: Arquivo da autora

A criança assistiu ao vídeo da história infantil, tentou interagir com o contador da história do vídeo utilizando a Libras, cumprimentando-o, fazendo sinal com a cabeça para concordar com o que dizia, sorria e mostrava objetos para ele. As gravações de vídeos em Libras têm sido muito utilizadas para a produção de narrativas surdas e difusão da cultura surda, como o humor surdo, histórias variadas, reivindicações, artigos acadêmicos, divulgação de eventos, entre outras, circulando nas redes sociais e demais recursos das tecnologias digitais. Peluso (2014) utiliza o conceito de textualidade diferida para se referir a esses textos em forma de vídeo, evidenciando que esses registros pelos surdos, assim como a escrita, buscam produzir um texto linguístico, tendo a finalidade de funcionar como um texto diferido, contendo uma estrutura e função similar a de um texto escrito. Esses vídeos possibilitam que o indivíduo possa dizer o seu texto e, de acordo com Geraldi (1997), as experiências com a língua devem possibilitar que o sujeito tenha o que dizer, para quem dizer, porque dizer e como dizer.

Posteriormente, foi solicitado que a criança colaboradora escrevesse em um papel os nomes dos personagens do livro: a menina, o leão, o pinguim, a girafa, o jacaré, o polvo, o macaco e o urso. Foi apresentado à criança um boneco de cada personagem para que ele tivesse a referência dos respectivos animais e da menina.

Para escrever os nomes dos personagens, Pedro utilizou as letras que compõem seu nome, acrescentando algumas vogais em determinadas palavras, conforme apresentado na Figura 2, a seguir:

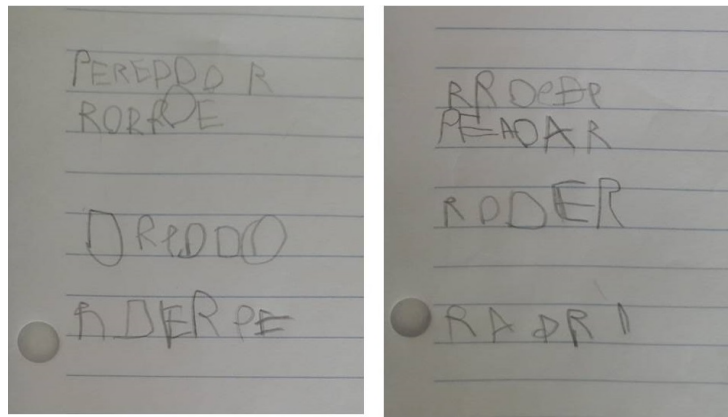


Figura 2: Escrita dos nomes dos personagens do livro – Fonte: Arquivo da autora.

A pesquisadora solicitou ao colaborador Pedro que escrevesse o nome do leão, mostrando a ele o boneco do animal, que escreveu no papel 'pereddor'. Quando foi perguntado o que estava escrito, usando a alfabeto manual ele sinalizou P-E-D-R-O. Logo após ele disse que não era essa palavra e sinalizou P-E-R-E-D-D-O-R. A pesquisadora perguntou se no papel estava escrito leão, apontando para o boneco, e a criança disse que sim.

O próximo nome de animal foi o do macaco, que ele escreveu 'rorroe', sinalizando R-O-R-R-O-E. Em seguida, o mesmo processo se efetivou com a girafa, sendo que e a criança escreveu 'dreddo' e também sinalizou D-R-E-D-D-O. O nome do jacaré foi escrito como 'rderpe' ; o polvo foi escrito como 'rdeap, sendo que nessa palavra Pedro utilizou uma vogal diferente daquelas que compõem o seu nome, a letra 'A' . Quando ele escreveu essa letra, virou-se para a pesquisadora e sinalizou a vogal correspondente, mostrando que estava escrevendo uma letra diferente daquelas que vinha utilizando. A palavra urso foi escrito como 'peadar', continuando a inserir o 'A'. Após, 'rdder' foi como escreveu pinguim; e, a palavra menina como 'radri', utilizando também a letra 'I', sinalizando-a para a pesquisadora, avisando sobre essa ação, assim como fez quando inseriu a letra 'A'.

Constatou-se que o colaborador Pedro conhece as letras isoladamente, sabe suas formas, não as inventando, e também sabe como escrevê-las no papel, compreende que as mesmas podem registrar conteúdos, mas ainda não compreende como funciona o sistema de notação da escrita alfabética, mesmo sabendo escrever o seu nome. O colaborador utiliza as letras que compõem o seu nome para escrever as palavras solicitadas, não repetindo a mesma sequência de letras. Ou seja, a criança compreendeu que para escrever coisas diferentes, faz-se necessário a diferenciação entre a escrita de uma palavra da outra. Apesar das divergências teóricas entre Ferreiro e Teberosky (1999) e Luria (1988), considera-se pertinente ressaltar que nas pesquisas realizadas com crianças ouvintes por Ferreiro também se evidenciou esse processo da escrita com as mesmas letras.

Na atividade de produção do texto do gênero carta, a criança escreveu uma carta em resposta à outra recebida pelo personagem que escolheu, o cachorro. Primeiramente, foi solicitado à criança que fizesse a resposta em Libras, por meio de uma gravação de vídeo. Esse vídeo foi mostrado para a criança e após foi pedido que colocasse essa resposta em forma de texto escrito em Língua Portuguesa. A criança pegou o papel e recortou-o para diminuir o tamanho, possibilitando que coubesse no envelope; olhou para a pesquisadora e disse que sabia escrever a carta e, ao final, colocou a cartinha no envelope.

A produção textual foi realizada de acordo com a Figura 3, disposta a seguir:

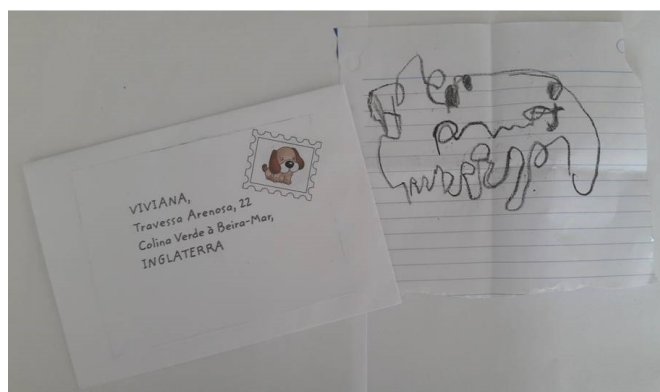


Figura 3: Carta escrita pelo colaborador – Fonte: Arquivo da autora.

Conforme se evidenciou na pesquisa de Luria (1988) com crianças ouvintes, o colaborador Pedro produziu a carta por meio de rabiscos e desenhos que lembram letras, de forma imitativa e externa, buscando reproduzir a escrita em sua forma externa, sem compreender o seu significado funcional. Porém, percebe-se que a criança compreende que a

escrita de um texto é mais longa do que a de uma palavra apenas, havendo a necessidade da utilização de uma quantidade maior de letras e, conseqüentemente, sendo de um 'tamanho' maior, o qual ocupa grande parte da folha de papel.

### **Considerações finais**

Nas experiências com a linguagem investigadas neste trabalho, evidenciou-se que o processo de desenvolvimento da escrita pela criança surda que utiliza a língua de sinais se realiza de forma similar ao da criança ouvinte neste estágio de aprendizagem, mesmo diante das especificidades linguísticas que envolvem a educação bilingüe de surdos. Porém, considera-se pertinente que outras pesquisas possam investigar os demais estágios do desenvolvimento na escrita nessas crianças.

Constatou-se que a criança surda que colaborou com esta pesquisa, inicialmente aprendeu a escrever o seu nome ao começar a utilizar as letras para registro e, posteriormente, utilizou as letras que o compõe para escrever outras palavras, não repetindo a sequência de letras, estabelecendo uma diferenciação do significante e do objeto. Ressalta-se que o processo de escrita dos vocábulos ocorreu de forma distinta ao da escrita de texto; sendo que, no primeiro a criança já utiliza as letras do alfabeto, mas ainda não consegue compreender o processo de notação do sistema de escrita alfabética; que não decorrerá da rota auditiva e nem da consciência fonológica; porém pode ser viabilizada por meio de experiências visuais com a linguagem. No segundo, a escrita do texto, utilizou rabiscos e desenhos com formas semelhantes às das letras. Mesmo sabendo que a criança ouvinte também utiliza garatujas e desenhos em determinados estágios de aprendizagem da escrita, é possível dizer que a diferença de língua e o fato de a criança surda escrever um texto em uma língua que não é a do pensamento têm influência na sua produção textual, resultando na forma como elaborou sua carta.

No decorrer da entrevista as gravações em vídeos se destacaram juntamente com as práticas de letramento visual e a aquisição da língua de sinais desde cedo pelos surdos, por possibilitarem o uso da linguagem, a compreensão e o envolvimento da criança para a realização das atividades. O vídeo em Libras contempla os aspectos visuais e culturais que fazem parte do jeito surdo de ser, permitindo o registro da história em várias das suas dimensões, com a finalidade similar a do texto escrito, contribuindo para as práticas letradas na sua comunidade, de acordo com Peluso (2014).

Espera-se que as crianças surdas, para além da apropriação instrumental da escrita, sejam sujeito-autor, assumindo a sua palavra na interação com interlocutores para as suas necessidades comunicativas concretas; tendo em vista que a alfabetização e o letramento não representam apenas a aquisição de um saber específico, mas também uma experiência transformadora que cria possibilidades de ação, interação e reação, ampliando os modos de se comunicar e colocar no mundo.

### **Referência**

BRASIL. Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2002.

CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência**: das teorias clássicas à dispersão de discursos. Campinas: Autores Associados, 2003.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GERALDI, W. **Portos de passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GESUELI, Z. M. A escrita como fenômeno visual nas práticas discursivas de alunos surdos. In: LODI, A. C. B.; MELO, A. D. B. de; FERNADES, E. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2015, p. 173-186.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo "a ler" com outros olhos: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. In: **Cadernos de Educação** (UFPEL), v. 36, p. 175-196, 2010.

LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone Editora: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

PELUSO, L. Textualidad diferida y videgrabaciones en LSU: un caso de política lingüística. In: **Revista Digital de Políticas Lingüísticas**. Año 6, Volumen 6 (16 -37), setiembre, 2014.

PERLIN, G.; REIS F. Surdos: cultura e transformação contemporânea. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (Orgs.) **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas** – 1ª ed. – Curitiba: CRV, 2012.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

TAVEIRA, C. C.; ROSADO, L. A. da S. O letramento visual como chave de leitura das práticas pedagógicas e da produção de artefatos no campo da surdez. In: LEBEDEFF, T. (Org.). **Letramento visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.